

## EDITORIAL

Talvez uma manhã andando num ar de vidro,  
voltando-me, verei cumprir-se o milagre:  
o nada às minhas costas, detrás de mim  
o vazio, com um terror de bêbado

Depois como numa tela, acamparão de um jato  
árvores casas colinas para a ilusão costumeira.  
Mas será tarde – e eu partirei calado  
entre os homens que não se voltam, com meu segredo.  
(Eugenio Montale)<sup>1</sup>

Uma das características mais marcantes do niilismo enquanto categoria histórica, social, política, antropológica e ontológica, é seu efeito desestabilizador e dramático expresso na pergunta sobre como orientar-se no espaço vazio da ausência de referenciais seguros para o estabelecimento de metas para a ação, para a vida. E embora a filosofia e a literatura estejam repletas de casos que ilustram esta situação, poucos foram os que apresentaram, de modo tão claro e dramático, o extravio existencial resultante do niilismo quanto o Heinrich von Kleist. Em uma carta à Wilhelmine von Zenge, datada de 22 de março de 1801, na qual, após noticiar ter travado contato com a “mais nova filosofia kantiana”, Kleist pretende compartilhar um pensamento que o abalou dolorosamente:

Recentemente, me familiarizei com a chamada mais nova filosofia kantiana - e agora eu tenho que comunicar a você um pensamento, a respeito do qual não posso temer que ele te abale tão dolorosamente quanto a mim. [...] Se todos os homens tivessem, no lugar dos olhos, lentes verdes, então teriam de julgar que os objetos vistos, através deles, são verdes – e nunca seriam capazes de decidir se o seu olho lhes mostra as coisas como são, ou se não se acrescenta às coisas algo que não pertence a elas, mas ao olho. O mesmo acontece com o entendimento. Nós não podemos decidir se o que chamamos de verdade seja verdade realmente, ou se apenas se parece verdade para nós. Se o último, então a verdade que nos reúne aqui, não nos reunirá mais após a morte - e todos os esforços para adquirir uma propriedade que nos segue até a sepultura, são em vão – [...] Meu único, meu mais alto objetivo

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://www.culturapara.art.br/opoema/eugeniomontale/eugeniomontale.htm> (Consultado em: 01/12/2023).

desmoronou, e agora eu não tenho mais nenhum -. Desde que essa crença, ou seja, de que aqui na terra não há verdade a ser encontrada, desapareceu da minha alma, eu não mais toquei em livro algum. [...] Oh, é o estado mais doloroso estar sem uma meta para o nosso coração ocupar-se alegremente, progredir - e assim eu me encontro agora. (KLEIST, 1993, p. 634)<sup>2</sup>.

Seria possível objetar ao poeta sua incompreensão do verdadeiro espírito da filosofia kantiana; mostrar-lhe o equívoco de uma interpretação cética da *Crítica da razão pura*; lembrá-lo da importância de uma leitura rigorosa a fim de evitar renunciar à própria vida devido a meros equívocos interpretativos (o que associaria um componente cômico ao trágico do suicídio de Kleist: suicidar-se devido a leitura parcial de um texto, por não ter voltado a ele uma segunda, uma terceira vez, e desfeito o equívoco interpretativo, faria rir, não fossem o pudor, o respeito e a piedade demandados pela situação). Porém, aqui já se toma o efeito pela causa. E embora Quentin Meillassoux pareça ter razão ao afirmar que a filosofia kantiana é comparável a uma “contrarrevolução ptolomaica” – visto que, após o descentramento copérnico-galileano inerente à ciência moderna, por meio da qual “[...] o pensamento descobria pela primeira vez a capacidade de revelar efetivamente o conhecimento de um mundo indiferente a toda relação com o mundo” (MEILLASSOUX, 2015, p. 188)<sup>3</sup>, Kant voltou a dar ao sujeito a centralidade no processo do conhecimento – ainda assim, o sujeito por ele reintroduzido é uma forma, e neste sentido, pouca diferença faz se ele está presente ou ausente. Afinal, em termos de sentido para a vida efetiva, a forma homem, ou a forma número, ou a forma lógica valem tanto uma quanto a outra, ou seja, pouco valem. É justamente esta a dimensão captada pela leitura “pouco rigorosa” e demasiado existencial do poeta. Parece que seria preciso cruzar o umbral dos rigorismos metodológicos para captar, em sua máxima extensão, o que é um problema filosófico, e mais especificamente, o sentido do niilismo enquanto problema filosófico.

Como orientar-se no espaço vazio da ausência de metas? Aqui se vê que os mais extremos problemas filosóficos alcançam o humano, não somente porque e quando tocam seu entendimento, mas, mais intensamente, porque e quando tocam seu coração. Sob este prisma, o niilismo se configura como um desafio perene: enfrentar o problema do sentido quando o próprio sentido vacila. Que produtiva contradição! Apreender o “milagre” do

<sup>2</sup> KLEIST, H. von. *Sämtliche Werke und Briefe (Zweibändige Ausgabe in einem Band)*. Herausgegeben von Helmut Sembdner. München: Dtv, 1993.

<sup>3</sup> MEILLASSOUX, Q. *Después de la finitud*. Buenos Aires: Caja Negra, 2015.

qual fala o poeta Eugenio Montale: “o nada às minhas costas”. Ocupação para uma vida inteira, não apenas de indivíduos, mas de gerações, de épocas.

Para pensar tais problemas e tantos outros a eles vinculados, convidamos à leitura dos artigos que compõem este número da Revista *Dialectus*, o terceiro volume dedicado ao problema do niilismo<sup>4</sup>, e dos quais faremos uma breve apresentação a seguir.

O artigo que abre o Dossiê, *Nietzsche, Bourget, Baudelaire e os rumos do niilismo moderno*, de Clademir Luís Araldi, investiga a relação entre a *décadence* e o niilismo nos escritos tardios de Nietzsche, destacando o impacto das análises de Paul Bourget sobre a *décadence* literária do século XIX. A partir dessas análises, Baudelaire, um caso típico de *décadence* para Nietzsche, torna-se um caso decisivo para diagnosticar a doença da vontade no homem do século XIX. Em primeiro lugar, Araldi sustenta que enquanto a *décadence* se manifestaria em todas as épocas da humanidade, o niilismo valeria para Nietzsche como a tentativa de Nietzsche de abarcar e interpretar os processos de desvalorização dos valores no mundo moderno. Num segundo momento, o autor defende que Nietzsche vai além de Bourget, ao compreender o niilismo como um modo singular de desagregação de forças, que possui um transcurso histórico único. Por fim, o autor investiga o valor da arte, das ilusões e das formas de embriaguez artísticas, como um ensaio derradeiro de Nietzsche para superar o “irreparável” niilismo dos artistas modernos.

Em *Genealogia do niilismo em Nietzsche: uma investigação sobre a influência do contexto histórico-literário do niilismo russo e da leitura de Pais e Filhos*, João Paulo Simões Vilas Bôas apresenta os resultados de uma investigação sobre a influência do contexto histórico-literário do niilismo russo – destaque dado ao papel desempenhado pelo romance *Pais e Filhos* – no desenvolvimento das primeiras reflexões de Nietzsche sobre o niilismo. Principia com um esclarecimento sobre a origem da palavra niilismo e prossegue com uma caracterização do contexto social, político e cultural do Império Russo na segunda metade do século XIX. Na sequência, o autor expõe uma análise das diferentes definições do que é um niilista apresentadas no romance de Ivan Turguêniev para, em seguida, investigar o impacto que esta publicação gerou na sociedade russa da época. Na última parte do artigo, Vilas Bôas propõe uma interpretação dos dois fragmentos póstumos e dialoga diretamente com a interpretação desenvolvida por Elisabeth Kuhn, ora concordando, ora refutando certos aspectos dela.

<sup>4</sup> O primeiro volume do Dossiê Niilismo foi publicado no vol. 28, n. 28, jan.-abr. 2023 da *Revista Dialectus*; já o segundo volume. foi publicado no vol. 30, n. 30, mai.-ago. 2023.

O terceiro artigo, de autoria de Tiago Leite, intitulado *Nietzsche: o niilismo e o riso da transvaloração*, parte da relação do riso com o conceito do dionisíaco, pensado a partir da “consolação metafísica” em uma existência contraditória e sem sentido, para conduzir o problema do niilismo (desvalorização) e da transvaloração a uma conexão com a alegria. O artigo explora as diferentes acepções do dionisíaco na obra de Nietzsche: em *O Nascimento da Tragédia*, Dioniso era o deus consolador, que redimia o sofrimento da existência no fenômeno estético; a partir de 1886, ele será o deus cruel, que desejará os seres humanos “mais fortes, mais malvados, mais profundos”. Este Dioniso ensina a rir e redime a existência nela mesma. A partir dele, o riso, síntese da alegria trágica, supera toda metafísica de artista, afirma a *crueldade* do acaso e da necessidade, e estabelece um princípio avaliador imanente ao corpo. De acordo com o autor, é com relação à alegria trágica que será possível compreender a superação do pessimismo, pois o riso se torna um dispositivo de transvaloração que abala toda estima e valorização de inspiração niilista que permeia o pensamento.

*O niilismo e a afirmação ética: a leitura deleuziana de Nietzsche e Foucault*, de Caio Cesar do Nascimento Paz, apresenta a maneira como o filósofo francês Gilles Deleuze aproxima algumas formulações de Michel Foucault das de Friedrich Nietzsche, como uma estratégia deleuziana utilizada para questionar a estrutura negativa da dialética e do niilismo a que ela está ligada. Para Deleuze, o niilismo é o motor da História e suas diferentes formas podem ser conectadas a diferentes formações históricas. A partir destas demarcações, o autor indica os elementos que Deleuze evoca para a superar o niilismo a partir de uma afirmação ética.

Carlos Renato Moiteiro, em *Niilismo e herança nietzschiana na constituição do método genealógico em Michel Foucault*, reflete sobre a herança nietzschiana no pensamento do filósofo francês Michel Foucault (1926-1984), dando destaque à investigação sobre a existência ou não de um niilismo na produção teórica foucaultiana e seus reflexos na consolidação do método genealógico, afastando-o, em certa medida, das perspectivas teóricas elaboradas nos trabalhos das décadas de 1950 e 1960. O autor sustenta que definir os aportes emprestados por Foucault da própria genealogia da moral nietzschiana para a constituição de seu procedimento, é necessário caso se queira compreender em que medida tal legado desemboca na propositura duma ontologia de caráter niilista, que recusa os universais da história, notadamente os de homem, sujeito e verdade, temas tão caros à tradição filosófica ocidental.

*O niilismo ativo nietzschiano na obra 'A hora da estrela' de Clarice Lispector*, de Roberto Ribeiro da Silva, investiga os nexos niilistas transmutados da obra 'A Hora da Estrela' de Clarice Lispector (1977), à condição esvaziada da personagem Macabéa. Essa eleição se coaduna com a ideia nietzschiana de transvaloração, onde o "lusco-fusco" entre vida *versus* morte se encontram. Assim, a ficção *versus* realidade são constantes metamorfoses - um retorno às coisas mesmas - sem dependência teleológica. Macabéa é metaforicamente o "instante" da vida diante da morte. Sua criadora paradoxalmente é identificada com o niilismo ao significar o 'grand finale' da obra com suas mortes (da personagem e a própria).

Em *Nada é Real: considerações sobre o niilismo como experiência existencial fundamental*, Diogo Barros Bogéa trata o niilismo como experiência existencial fundamental e não apenas como diagnóstico de uma época histórica. Bogéa Investiga a compreensão do niilismo como diagnóstico para a contemporânea desvalorização dos valores supremos a partir da historicização dessa própria compreensão histórica do niilismo. O autor examina o problema a partir do pensamento heideggeriano, interpretando-o como auge do historicismo do século XIX e como o caso mais extremo daquilo que Meillassoux chamou de correlacionismo: a crença – de inspiração kantiana – de que não podemos nunca nos referir ao real. Mas na obra do próprio Heidegger, identifica-se um elemento a-histórico, capaz de romper as barreiras do correlacionismo e reestabelecer nossa relação com o Real: o Nada. Assim, são explorados os conceitos de angústia e Nada em articulação com o conceito psicanalítico de Real a fim de pensar o niilismo como experiência existencial fundamental capaz de revelar o Nada como mais fundamental que o Ser e a experiência de Haver Existência como Real.

Por fim, no artigo que fecha este Dossiê, *Nihilismo: un problema japonés*, Amanda Sayonara Fernandes Prazeres examina o fenômeno do niilismo a partir da perspectiva de Nishitani Keiji (1900-1990). O filósofo da Escola de Kyoto desenvolve sua análise filosófica e histórica do fenômeno em sua obra *Nilismo*, na qual investiga a questão a partir da literatura de Dostoiévski, mas também das perspectivas filosóficas de Hegel, Schopenhauer, Kierkegaard, Max Stirner, Nietzsche e Heidegger. O artigo explora a tese de Nishitani de acordo com a qual o niilismo não é um problema restrito ao Ocidente, sendo antes, também uma questão de fundo especificamente japonesa, inseparavelmente ligada à religião tradicional do Japão e à introdução e reprodução da concepção da subjetividade moderna a partir da europeização do país.

Com menção ao Prof. Eduardo Chagas e a Jarbas Vasconcelos, agradecemos a toda a equipe editorial da Revista *Dialectus* pela acolhida deste projeto. Que a receptividade e a gentileza com as quais fomos acolhidos também fique como uma oferta a quem nos lê. Proveitosa leitura.

Claudinei Aparecido de Freitas da Silva (UNIOESTE)<sup>5</sup>

José Fernandes Weber (UEL/UNIOESTE)<sup>6</sup>

OS ORGANIZADORES

<sup>5</sup> Professor dos cursos de graduação e de pós-graduação (*stricto sensu*) em Filosofia da UNIOESTE – Campus Toledo com estágio pós-doutoral pela Université Paris 1 – PANTHÉON-SORBONNE (2011/2012). Escreveu *A carnalidade da reflexão: ipseidade e alteridade em Merleau-Ponty* (São Leopoldo, RS, Nova Harmonia, 2009) e *A natureza primordial: Merleau-Ponty e o 'logos do mundo estético'* (Cascavel, PR, Edunioeste, 2010; 2019). Organizou *Encarnação e transcendência: Gabriel Marcel, 40 anos depois* (Cascavel, PR, Edunioeste, 2013), *Merleau-Ponty em Florianópolis* (Porto Alegre, FI, 2015), *Kurt Goldstein: psiquiatria e fenomenologia* (Cascavel, PR, Edunioeste, 2015), *Festschrift aos 20 anos do Simpósio de Filosofia Moderna e Contemporânea da UNIOESTE* (Cascavel, PR, Edunioeste, 2016), *Compêndio Gabriel Marcel* (Cascavel, PR: Edunioeste, 2017), *A fenomenologia no oeste do Paraná: retrato de uma comunidade* (Toledo, PR, Vivens, 2018) e *Fenomenologia e Hermenêutica* (São Paulo: ANPOF/PHI, 2019), além de dossiês temáticos em diversos periódicos nacionais e internacionais. Traduziu os *Fragmentos filosóficos: 1909-1914* (Cascavel, PR, Edunioeste, 2018) e *Os homens contra o humano* de Gabriel Marcel (Cascavel, PR, Edunioeste, 2023). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9321-5945>. E-mail: [cafsilva@uol.com.br](mailto:cafsilva@uol.com.br)

<sup>6</sup> Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8402-7224>. Email: [jweber@uel.br](mailto:jweber@uel.br). Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq/Brasil, por meio da concessão de Bolsa de Pós-Doutorado Sênior (Processo: 101957/2022-0), desenvolvida como Estágio de Pós-Doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e supervisionada pelo Prof. Dr. Antonio Edmilson Paschoal e Bolsa de Produtividade em Pesquisa, nível 2 (Processo: 313373/2021-3).